



## XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

### RESUMOS

Ana Gonçalves Magalhães

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC/USP

#### Arte Moderna Italiana, Facismo e o colecionismo privado dos anos 1930-1940

Dando continuidade à pesquisa que venho desenvolvendo em torno das coleções Matarazzo (MAC USP), proponho-me a apresentar uma análise do papel que os galeristas Carlo Cardazzo (de Veneza) e Vittorio Barbaroux (de Milão) desempenharam no colecionismo de arte moderna na Itália e suas vinculações com políticas públicas do Regime Fascista na promoção da arte moderna italiana no contexto internacional. Neste sentido, o conjunto de obras italianas adquiridas por Francisco Matarazzo Sobrinho, entre 1946 e 1947, para o núcleo inicial do acervo do antigo MAM de São Paulo, é um campo fértil de análise dessas relações e da dinâmica que marcou a divulgação da arte moderna italiana a partir dos anos 1930. Embora essencialmente associadas à figura da crítica Margherita Sarfatti, essas aquisições constroem uma noção de arte moderna italiana diferente da pensada por ela, na qual emergem outras vertentes artísticas promovidas pelas exposições oficiais do Regime Fascista, tais como a Scuola Romana e a criação de uma expressão que ganhou força no contexto das edições da Quadriennale di Roma entre 1931 e 1943, que designa um grupo de artistas italianos vivendo em Paris: os chamados “Italianos de Paris”.

Na análise da atuação de Vittorio Barbaroux e Carlo Cardazzo, procurarei chamar a atenção para dois momentos distintos dessa política de promoção da arte moderna italiana, bem como o perfil dos dois galeristas como colecionistas. No caso de Vittorio Barbaroux, devo analisar seu envolvimento com as primeiras exposições de artistas modernos italianos em Paris, em 1932, e a exposição de sua coleção privada, em Buenos Aires, em 1947. Neste mesmo contexto do pós-guerra, veremos como Carlo Cardazzo será considerado personagem-chave na divulgação do abstracionismo italiano, principalmente nos Estados Unidos, a partir de sua proximidade a Peggy Guggenheim.

Finalmente, procurarei esboçar uma análise de algumas obras das coleções Matarazzo no intuito de demonstrar como elas se vinculam a esse contexto e em que medida (ou não) elas constituem uma “iconografia política”: de um modo geral, elas trabalham com alguns aspectos da linguagem sobretudo da pintura metafísica, e por isso mesmo, fazem de seu conteúdo algo mais complexo, e talvez bem menos evidentemente “de propaganda” do Regime. Assim, elas nos permitem repensar as relações entre arte e política, bem como a noção mesma de uma “iconografia política”.